

ROTEIRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA • ENSINO FUNDAMENTAL • 6º ANO

Bullying

Esse tipo de violência tem sido cada vez mais noticiado e precisa de educadores atentos para evitarem consequências desastrosas.

Andréia Barros
1º de abril | 2008

Entre os tantos desafios já existentes na rotina escolar, está posto mais um. O *bullying* escolar – termo sem tradução exata para o português – tem sido cada vez mais reportado. É um tipo de agressão que pode ser física ou psicológica, ocorre repetidamente e intencionalmente; ridiculariza, humilha e intimida as vítimas. "Ninguém sabe como agir", sentencia a promotora Soraya Escorel, que compõe a comissão organizadora do I Seminário Paraibano sobre *Bullying* Escolar, que reuniu educadores, profissionais da Justiça e representantes de governos nos dias 28 e 29 de março, em João Pessoa, na Paraíba. "As escolas geralmente se omitem. Os pais não sabem lidar corretamente. As vítimas e as testemunhas se calam. O grande desafio é convocar todos para trabalhar no incentivo a uma cultura de paz e respeito às diferenças individuais", complementa.

A partir dos casos graves, o assunto começou a ganhar espaço em estudos desenvolvidos por pedagogos e psicólogos que lidam com Educação. Para Lélío Braga Calhau, promotor de Justiça de Minas Gerais, a imprensa também ajudou a dar visibilidade à importância de se combater o *bullying* e, por consequência, a criminalidade. "Não se tratam aqui de pequenas brincadeiras próprias da infância, mas de casos de violência, em muitos casos de forma velada. Essas agressões morais e até físicas podem causar danos psicológicos para a criança e o adolescente, o que pode facilitar, posteriormente, a entrada deles no mundo do crime", avalia o especialista no assunto. Ele concorda que o *bullying* estimula a delinquência e induz a outras formas de violência explícita.

Seminário – Organizado pela Promotoria de Justiça da Infância e da Adolescência da Paraíba, em parceria com os governos municipal e estadual e apoio do Colégio Motiva, o evento teve como objetivo, além de debater o assunto, orientar profissionais da Educação e do Judiciário sobre como lidar com esse problema. A Promotoria de Justiça elaborou um requerimento para acrescentar os casos de *bullying* ao Disque 100, número nacional criado para denunciar crimes contra a criança e o adolescente. O documento será enviado para o Ministério da Justiça e à Secretaria Especial de Direitos Humanos.

Durante o encontro, também foi lançada uma publicação a ser distribuída para as escolas paraibanas, com o objetivo de evidenciar a importância de um trabalho educativo em todos os cenários em que o *bullying* possa estar presente – na escola, no ambiente de trabalho e até entre vizinhos. Nesse manual, são apresentados os sintomas mais comuns de vítima desse tipo de agressão, algumas pistas de como identificar os agressores, conselhos para pais e professores sobre como prevenir esse tipo de situação e mostram-se, ainda, quais as consequências para os envolvidos.

Em parceria com a Universidade Maurício de Nassau, a organização do evento registrou as palestras e as discussões – o material se transformará num vídeo-documentário educativo que será exibido nas escolas da Paraíba, da Bahia e de Pernambuco.

Bullying vai muito além da brincadeira sem graça.

Esse termo não tem um correspondente em português. Em inglês, refere-se à atitude de um *bully* (valentão). Objeto de estudo pela primeira vez na Noruega, o *bullying* é utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica contra alguém em desvantagem de poder, sem motivação aparente e que causa dor e humilhação a quem sofre. "É uma das formas de violência que mais cresce no mundo", afirma Cléo Fante, pedagoga pioneira no estudo do tema no país e autora de *Bullying Escolar* (Artmed). Segundo ela, o *bullying* pode acontecer em qualquer contexto social, como escolas, universidades, famílias, entre vizinhos e em locais de trabalho. "Identificamos casos de *bullying* em escolas das redes pública e privada, rurais e urbanas e até mesmo com crianças de 3 e 4 anos, ainda no Ensino Infantil", comenta.

Para o presidente do Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o *Bullying* Escolar, José Augusto Pedra, o fenômeno é uma epidemia psicossocial e pode ter consequências graves. O que, à primeira vista, pode parecer um simples apelido inofensivo, pode afetar emocional e fisicamente o alvo da ofensa. Crianças e adolescentes que sofrem humilhações racistas, difamatórias ou separatistas podem ter queda do rendimento escolar, somatizar o sofrimento em doenças psicossomáticas e sofrer de algum tipo de trauma que influencie traços da personalidade. "Se observa, também, uma mudança de comportamento. As vítimas ficam isoladas, se tornam agressivas e reclamam de alguma dor física justamente na hora de ir para a escola", detalha José Pedra. Até as testemunhas sofrem ao conviver diariamente com o problema, mas tendem a omitir os fatos por medo ou insegurança. Geralmente, elas não denunciam e se acostumam com a prática – acabam encarando como natural dentro do ambiente escolar. "O espectador se fecha aos relacionamentos, se exclui porque ele acha que pode sofrer também no futuro. Se for pela internet, no *cyberbullying*, por exemplo, ela apenas repassa a informação. Mas isso o torna um coautor", completa Cléo Fante.

O *bullying*, de fato, sempre existiu. O que ocorre é que, com a influência da televisão e da internet, os apelidos pejorativos foram tomando outras proporções. "O fato de ter consequências trágicas, como mortes e suicídios, e impunidade proporcionou a necessidade de se discutir de forma mais séria o tema", aponta Guilherme Schelb, procurador da República e autor do livro *Violência e Criminalidade Infantojuvenil*.

Como identificar vítima e agressor

Depressão, baixo autoestima, ansiedade, abandono dos estudos – essas são algumas das características mais usuais das vítimas. De certa forma, o *bullying* é uma prática de exclusão social, cujos principais alvos costumam ser pessoas mais retraídas, inseguras. Essas características acabam fazendo com que elas não peçam ajuda e, em geral, elas se sentem desamparadas e encontram dificuldades de aceitação. "São presas fáceis, submissas e vulneráveis aos valentões da escola", explica Cléo Fante, especialista no assunto.

Além dos traços psicológicos, as vítimas desse tipo de agressão apresentam particularidades, como problemas com obesidade, estatura e deficiência física. As agressões podem, ainda, abordar aspectos culturais, étnicos e religiosos. "Também pode acontecer com um novato ou com uma menina bonita, que acaba sendo perseguida pelas colegas", exemplifica Guilherme Schelb.

Os agressores são, geralmente, os líderes da turma, os mais populares – aqueles que gostam de colocar apelidos nos mais frágeis. Assim como a vítima, ele também precisa de ajuda psicológica. "No futuro, este adulto pode ter um comportamento de assediador moral no trabalho e, pior, utilizar-se da violência e adotar atitudes delinquentes ou criminosas", detalha Lélío Calhau.

Como prevenir o problema na escola

Para evitar o *bullying*, as escolas devem investir em prevenção e estimular a discussão aberta com todos os atores da cena escolar, incluindo pais e alunos. Para os professores, que têm um papel importante na prevenção, alguns conselhos dos especialistas Cléo Fante e José Augusto Pedra, autores do livro ***Bullying Escolar*** (Artmed).

- ♣ Observe, com atenção, o comportamento dos alunos, dentro e fora de sala de aula, e perceba se há quedas bruscas individuais no rendimento escolar.

- ♣ Incentive a solidariedade, a generosidade e o respeito às diferenças por meio de conversas, trabalhos didáticos e até de campanhas de incentivo à paz e à tolerância.

- ♣ Desenvolva, desde já, dentro de sala de aula, um ambiente favorável à comunicação entre alunos.

- ♣ Quando um estudante reclamar ou denunciar o *bullying*, procure, imediatamente, a direção da escola.

- ♣ Muitas vezes, a instituição trata, de forma inadequada, os casos relatados. A responsabilidade é, sim, da escola, mas a solução deve ser em conjunto com os pais dos alunos envolvidos.

Como a família pode ajudar

Os pais devem estar alertas para o problema – seja o filho vítima ou agressor, pois ambos precisam de ajuda e apoio psicológico. Veja as dicas dos especialistas Cléo Fante e José Augusto Pedra, autores do livro ***Bullying Escolar*** (Artmed).

- ♣ Mostre-se sempre aberto a ouvir e a conversar com os filhos.

- ♣ Fique atento às bruscas mudanças de comportamento.

- ♣ É importante que as crianças e os jovens se sintam confiantes e seguros de que podem trazer esse tipo de denúncia para o ambiente doméstico e que não serão pressionados, julgados ou criticados.

- ♣ Comente o que é o *bullying* e os oriente que esse tipo de situação não é normal. Ensine-os como identificar os casos e que devem procurar sua ajuda e a dos professores nesse tipo de situação.

- ♣ Se precisar de ajuda, entre imediatamente em contato com a direção da escola e procure profissionais ou instituições especializadas.